

RELACIONAMENTOS NO REINO

Mateus 18 compreende a quarta das cinco seções de ensino do livro, sendo que cada uma é sucedida pela frase conclusiva: “Quando Jesus acabou de proferir [estas palavras]” (7:28; 11:1; 13:53; 19:1; 26:1). Este quarto bloco contém o ensino apresentado enquanto o Senhor ainda estava em Cafarnaum, pouco antes de Sua viagem à Judeia e a Jerusalém (19:1; 21:1).

Nesta ocasião, o foco do ensino de Jesus estava nos relacionamentos dentro da nova comunidade de fé, a igreja, que Ele estabeleceria (16:18). O capítulo migra de um tópico para outro e se divide em cinco partes: 1) quem é maior no reino (18:1–4), 2) um alerta para não sermos pedra de tropeço (18:5–9), 3) a parábola da ovelha perdida (18:10–14), 4) a solução de conflitos (18:15–20) e 5) a parábola do servo incompassivo (18:21–35).

QUEM É MAIOR NO REINO: HUMILDADE¹ (18:1–4)

¹Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no reino dos céus? ²E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. ³E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. ⁴Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus.

Versículo 1. A expressão **naquela hora**, que abre o capítulo, indica uma ligação direta com os acontecimentos anteriores ocorridos em Cafarnaum (17:24–27). O Evangelho de Marcos confirma que a conversa aconteceu ali (Marcos 9:33). Como era de costume, **aproximaram-se de Jesus os discípulos**² com uma pergunta.

A narrativa em Mateus parece condensada quando comparada ao relato paralelo em Marcos. Os discípulos estavam tendo um debate crescente sobre quem era o maior no reino dos céus, enquanto “passavam pela Galileia” com Jesus (Marcos 9:30). Após chegarem a Cafarnaum, entraram na casa onde seriam hospedados, presumivelmente a casa de Pedro. Então, Jesus questionou o conteúdo da conversa dos discípulos durante a viagem (Marcos 9:33). Mesmo evidentemente sabendo o que discutiam, Jesus perguntou sobre a conversa. Talvez Ele tenha feito isso para que eles pensassem com cuidado no que haviam dito. No meio dessa conversa, perguntaram: **“Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?”**

Obviamente, os discípulos ainda possuíam um falso conceito do reino de Deus. Não muito antes dessa discussão, Jesus predisse Seu sofrimento com detalhes pela segunda vez (17:22, 23). Ele Se descreveu como o Servo Sofredor, embora Seus discípulos ainda estivessem preocupados com os desejos mundanos de posição e grandeza. Marcos 9:35 registra que Jesus disse aos discípulos: “E ele, assentando-se, chamou

¹Estas ideias principais foram adaptadas das qualidades enumeradas por William Barclay, *The Gospel of Matthew*, vol. 2, 2a. ed., The Daily Study Bible. Fladélfia: Westminster Press, 1958, pp. 190–92.

²Veja Mateus 5:1; 13:10, 36; 14:15; 15:12, 23; 17:19; 24:1, 3; 26:17.

os doze e lhes disse: Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos”.

Versículo 2. Jesus costumava usar as perguntas dos discípulos como oportunidades para introduzir novos ensinamentos (13:10, 36; 18:21; 24:3). Nessa ocasião, Ele pegou **uma criança** nos braços para ilustrar a verdade que queria mostrar. A palavra grega para “criança” (παιδίον, *paidion*) pode se referir a uma criança muito pequena, na primeira infância. Esta criança em particular podia ter de 1 a 3 anos, pois Jesus chamou-a para junto dEle. Não se menciona a ajuda do pai ou da mãe. Alguns comentaristas sugeriram que a criança fazia parte da família de Pedro, se estavam na casa dele.

Quando a criança se aproximou, Jesus **colocou-a no meio** dos discípulos. A criança podia parecer insignificante na companhia dos adultos presentes. As crianças não eram valorizadas como os adultos no mundo antigo. Os filhos tinham preferência sobre as filhas porque, futuramente, se transformariam em trabalhadores e soldados. Na sociedade greco-romana, as meninas eram às vezes abandonadas, juntamente com os meninos não saudáveis. Bebês eram abortados. Embora os judeus tivessem um conceito mais elevado das crianças, considerando-as parte da maravilhosa criação de Deus, esses pequenos seres ainda eram vistos como inferiores aos adultos (19:13, 14). Tendo em vista estes fatos, podemos entender como foram realmente radicais os atos do Senhor. Era comum os professores destacarem exemplos de preceitos morais e conduta heróica para seus alunos imitarem. Jesus, ao contrário disso, colocou uma criança no meio deles³.

Versículo 3. Jesus respondeu a pergunta deles sobre quem era o maior no reino dos céus usando aquela criança como uma ilustração viva. Ele explicou: **“Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus”**. Os discípulos estavam disputando posição no reino, certos de que fariam parte dos guias. Jesus advertiu-os de que, se persistissem em tal arrogância e egocentrismo, sequer entrariam nele. “Não” é a tradução de uma negativa dupla enfática (οὐ μή, *ou mē*). A tradução poderia ser “certamente que não” ou “jamais”.

Os discípulos precisavam “converter-se” (στρέφω, *strefō*); eles teriam que suportar uma “virada”. Lucas usou uma palavra semelhante (ἐπιστρέφω, *epistrefō*), traduzida por “converter-se” e “apartar-se”, quando relatou o segundo sermão de Pedro (Atos 3:19, 26). Os discípulos tinham que se apartar de seus egos inflados e tornar-se humildes como as criancinhas. As qualidades típicas de uma criança são essenciais a todos que se convertem a Jesus Cristo. As crianças possuem uma fé absoluta, uma ausência de orgulho e a tendência de perdoar facilmente⁴. Estes são alguns dos requisitos para quem quer entrar nos céus.

A expressão “o reino dos céus” é usada trinta e duas vezes em Mateus e em nenhum outro livro das Escrituras. Ela é sinônimo de “o reino de Deus” em Marcos 9:1, o qual foi prometido (Daniel 2:44). Antes de Jesus subir do monte das Oliveiras para o céu, os apóstolos Lhe perguntaram: “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” (Atos 1:6). Eles ainda estavam confusos quanto à verdadeira natureza do reino. Então, o Senhor lhes disse:

Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade; mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra (Atos 1:7, 8).

Esta profecia se cumpriu no dia de Pentecostes (Atos 2). Nesse dia os apóstolos receberam o Espírito Santo e poder, e o reino de Deus entrou no mundo (Atos 2:4, 32–36). As pessoas entravam no reino por meio da fé, do arrependimento e do batismo (Atos 2:37, 38). Isto condizia com a instrução de Jesus de que era preciso “nascer de novo” – ou seja, “nascer da água e do Espírito” – para “entrar no reino de Deus” (João 3:3, 5).

Versículo 4. Esta breve lição conclui com a resposta de Jesus à pergunta dos discípulos registrada no versículo 1: **“Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus”**. Ser grande na concepção de Deus é humilhar-se e estar disposto a servir o próximo. Jesus disse que nem Ele “veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em res-

³Craig S. Keener, *A Commentary on the Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999, p. 447.

⁴Todavia, a infância muitas vezes é usada no sentido negativo no Novo Testamento, representando imaturidade espiritual (11:16, 17; 1 Coríntios 13:11; 14:20; Efésios 4:14; Hebreus 5:13, 14).

gate por muitos” (20:28). Jesus deu aos apóstolos um exemplo dessa servidão quando lhes lavou os pés na refeição de Páscoa (João 13:5–16). J. W. McGarvey observou: “Os mais humildes são os maiores porque vivem da forma mais abnegada e mais semelhante à de Jesus”⁵. Alguém disse que quem deseja subir, precisa primeiro descer – sobre os próprios joelhos.

UM ALERTA PARA NÃO SERMOS PEDRA DE TROPEÇO: RESPONSABILIDADE (18:5–9)

⁵E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe. ⁶Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar.

⁷Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo!

⁸Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno. ⁹Se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo.

A seguir, Jesus voltou-*Se* para o tratamento dos crentes. Os crentes devem ser recebidos (18:5) e não devem ser levados a tropeçar (18:6). Aqueles que fazem outros tropeçarem serão severamente julgados (18:7). Além disso, todo cristão deve tomar toda precaução para ele mesmo não tropeçar (18:8, 9).

Versículo 5. Uma criança, tal como esta refere-se à criança que Jesus tomou nos braços (Marcos 9:36). Ele estava usando essa criança para ilustrar o princípio de acolher um crente. Em termos gerais, a palavra **recebe** (δέχομαι, *dechomai*) significa “tomar para si algo ou alguém refletidamente e de bom grado”. Num episódio anterior em Mateus, o termo foi usado mais especificamente para o ato de se mostrar hospitalidade apoiando a missão dos apóstolos (veja os comentários sobre 10:40–42). A passagem paralela em Marcos

pode sugerir esse significado aqui, pois também se mencionam outros “dando de beber um copo de água” aos apóstolos por serem eles “de Cristo” (Marcos 9:41). *Dechomai* denota hospitalidade para missionários também em outras passagens (2 Coríntios 7:15; Gálatas 4:14; Colossenses 4:10; veja Atos 21:17).

A ideia principal de Jesus era que a maneira como as pessoas tratam um filho de Deus – incluindo os de baixa posição social – é a maneira como tratarão o próprio Jesus (veja 25:40, 45). Não é preciso olhar com esforço para se constatar que o mundo muitas vezes serve os grandes e populares. Jesus pediu que Seus discípulos servissem aos fracos e desconhecidos⁶.

Versículo 6. Jesus também usou a criança para ilustrar que não se deve fazer mal a nenhum **destes pequeninos que creem**. Mais uma vez, a referência é a um dos filhos de Deus. O verbo traduzido por **fazei tropeçar** (σκανδαλίζω, *skandalizō*) ocorre mais vezes em Mateus do que qualquer outro livro do Novo Testamento⁷. Neste capítulo, ela ocorre nos versículos 6, 8 e 9, referindo-se a alguém influenciar outro a pecar.

À pessoa que leva outros a tropeçarem, Jesus disse que **melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar**. Em outras palavras, Jesus disse que era melhor essa pessoa sofrer uma morte terrível a enfrentar o julgamento de Deus por fazer um crente tropeçar. Ser morto por afogamento no mar é um fim melhor do que o fim reservado aos que levam outros a pecar (Lucas 17:2)⁸.

Embora a forma de execução por afogamento não fosse a mais comum no mundo antigo, ela era praticada ocasionalmente⁹. Na imagem projetada por Jesus, o que foi lançado ao mar com uma pedra de moinho amarrada ao pescoço não tinha esperança de sobrevivência. Seu corpo afunda-

⁶Leon Morris, *The Gospel According to Matthew*, Pillar Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992, p. 461.

⁷Veja Mateus 5:29, 30; 11:6; 13:21, 57; 15:12; 16:23; 17:27; 18:6, 8, 9; 24:10; 26:31, 33.

⁸1 Clemente 46.8.

⁹Flávio Josefo relatou que os galileus se rebelaram, tomaram os membros do partido de Herodes e os afogaram no lago. (Flávio Josefo, *Antiguidades* 14.15.10.) Suetônio disse que Augusto mandou lançar no rio alguns homens com pesos atados ao pescoço. (Suetônio, *Vidas dos Césares: Augusto* 2.67.)

⁵J. W. McGarvey, *The New Testament Commentary*, vol. 1, *Matthew and Mark* (S.c.p., 1875; reimpressão, Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d.), p. 156.

ria até o fundo do mar, de onde seria impossível resgatá-lo. Nesse caso, o cadáver não teria um sepultamento apropriado. Considerando que os discípulos ainda estavam em Cafarnaum (Marcos 9:33), o mar do qual eles certamente se lembraram foi o mar da Galileia.

Onde a RA diz “pedra de moinho”, o texto grego diz literalmente “pedra de moinho [de um] jumento” (μύλος ὀνικός, *mulos onikos*). Essa era a pedra superior de um moinho comunitário, o qual era preso por um poste a um jumento ou boi. O animal andava em círculos, girando a pedra superior para moer o grão contra a pedra inferior. Essa pedra pesada devia ser diferente das pedras bem menores usadas pelas mulheres em casa (24:41). Hoje, no local da antiga Cafarnaum encontram-se pedras de basalto de vários tamanhos.

Versículo 7. Jesus continuou: **“Ai do mundo, por causa dos escândalos”**. Embora ao termo “ai” reflita uma ira justa, o uso feito aqui pelo Senhor está misturado com profunda tristeza e dó (veja os comentários sobre 11:21). A declaração dEle parece ser de cunho geral. Denuncia o fato de que este mundo é decadente, tendo sido corrompido pelo pecado. Quem segue Jesus, inevitavelmente, encontra muitas **pedras de tropeço** que bloqueiam a passagem. Todavia, não devem cometer o erro de atirar uma pedra de tropeço no caminho de outros (Romanos 14:13; 1 Coríntios 8:9–13; veja Levítico 19:14).

Jesus então disse: **“Ai do homem pelo qual vem o escândalo!”** A linguagem provavelmente aponta para a culpa geral de todos que fazem outros pecarem. É espantosamente semelhante à denúncia que o Senhor fez da traição de Judas em 26:24: **“Ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!”**

Versículos 8 e 9. Jesus empregou uma hipérbole – figura de exagero – para invocar repúdio total ao mal e abandono. Ele disse que se uma **mão**, um **pé** ou um **olho** leva alguém a pecar, este elemento deveria ser removido e descartado. Estes versículos repetem o que Jesus ensinou antes, no sermão do monte, embora o “pé” seja um acréscimo neste contexto (veja os comentários sobre 5:29, 30).

A automutilação, para os judeus, era abominável, por isso as declarações de Jesus foram realmente fortes. Alguns adeptos a certas práticas de devoção religiosa extremas acreditam e praticam a automutilação (1 Reis 18:25–29). A flagelação

realizada em algumas religiões é um exemplo. Outros se cortam com facas, acreditando que esse ato pode impedir que o corpo peque. Até alguns ascéticos cristãos primitivos tiveram práticas semelhantes (veja Colossenses 2:23). Jesus, porém, deixou claro em outros trechos que a verdadeira demonstração de pureza espiritual envolve o homem interior (15:18, 19; veja 2 Coríntios 10:5).

O Senhor enfatizou que seria muito melhor entrar nos céus mutilado do que **ser lançado no fogo eterno** com todos os membros intactos. A palavra grega para “eterno” (αἰώνιος, *aiōnios*) indica a duração do castigo dos perversos e da recompensa dos justos (25:46). O termo deve ter a mesma definição em ambos os casos.

“O fogo eterno” no versículo 8 é sinônimo de **inferno de fogo** no versículo 9. A palavra grega para “inferno” é γέεννα (*gehenna*), derivada do vale de Hinom, no lago sul de Jerusalém. No Antigo Testamento, o local era conhecido pelas corrupções mais vis, transformando-se depois num depósito de lixo onde o fogo queimava continuamente (veja os comentários sobre 5:22). Jesus descreveu o inferno como tendo um “fogo inextinguível”, “onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga” (Marcos 9:43, 48).

A PARÁBOLA DA OVELHA PERDIDA: CUIDADO INDIVIDUAL (18:10–14)

¹⁰**Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus vêem incessantemente a face de meu Pai celeste.** ¹¹**[Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido.]**

¹²**Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se extraviou?** ¹³**E, se porventura a encontra, em verdade vos digo que maior prazer sentirá por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram.** ¹⁴**Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos.**

Depois de enfatizar a importância da humildade (18:1–4) e de não fazer outros tropeçarem (18:5–9), Jesus ensinou Seus discípulos a valorizarem cada crente pelos critérios divinos. Ele ilustrou a lição com uma breve parábola envolvendo ovelhas (18:10–14).

Versículo 10. A criança que serviu para ilustrar o ensino anterior (18:2, 4, 5) provavelmente ainda estava no meio deles, enquanto Jesus dava continuidade ao ensino. Como no versículo 6, o termo **pequeninos** deve aplicar-se a todos os discípulos. Nenhum discípulo de Jesus jamais deve ser desprezado (Romanos 12:16; Filipenses 2:3, 4). A palavra grega para desprezeis (*καταφρονέω*, *katafroneō*) também poderia ser traduzida por “olhar com desdém” ou “fazer pouco de”. Significa considerar outras pessoas inferiores e tratá-las com desprezo.

Jesus continuou: **“Os seus anjos nos céus veem incessantemente a face de meu Pai celeste”**. Esta declaração tem gerado a ideia de que os cristãos possuem anjos da guarda – ou um anjo individual que zela por cada cristão ou um anjo que zela por muitos cristãos. O escritor de Hebreus descreveu anjos como “espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação” (Hebreus 1:14). Todavia, não existe no Novo Testamento apoio claro para a ideia de que cada pessoa tem um anjo da guarda.

Os anjos mencionados aqui possuem acesso ao trono de Deus (veja Lucas 1:19). “Ver a face de” é uma expressão que se refere a ter um lugar de honra na corte antiga e ter o privilégio de estar na presença do rei (1 Reis 10:8; 2 Reis 25:19; Ester 1:14; Jeremias 52:25)¹⁰. Assim como os anjos estão sempre na presença de Deus, Ele sempre zela por Seus filhos na terra. Jesus estava usando uma linguagem vívida para afirmar que “Deus no céu está ciente da situação aqui na terra até mesmo do menor de seus filhos”¹¹. Quando algum dos “pequeninos” de Deus é maltratado, isto é percebido por Ele.

Versículo 11. [Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido.] Os manuscritos gregos mais antigos não contêm este versículo, por isso ele está entre colchetes. Bruce M. Metzger sugeriu que ele foi copiado de Lucas para fornecer uma transição mais suave do versículo 10 para o versículo 12¹². Lucas 19:10 contém a mesma frase

¹⁰Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew*, Part 2, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, p. 56. Em hebraico, os textos citados mencionam a “face” do rei.

¹¹Morris, p. 465.

¹²Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 2a. ed. Stuttgart: German Bible Society, 1994, p. 36.

acrescentando o verbo “buscar”: “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”. O versículo que foi incluído em Mateus certamente ensina a verdade. Jesus veio para salvar os perdidos e a parábola que vem a seguir nos versículos 12 a 14 ilustra esse fato.

Versículo 12. Jesus começou Sua parábola indagando: **“Que vos parece?”** Ele fez isso para ganhar a atenção dos discípulos e estimulá-los a pensar (veja 17:25; 21:28; 22:42).

Em Mateus, esta parábola aparece sozinha, mas em Lucas ela é uma de três parábolas sobre itens perdidos (Lucas 15). As outras duas parábolas são sobre a moeda perdida e o jovem perdido; sendo esta última conhecida como “A Parábola do Filho Pródigo”. Parábolas semelhantes a respeito de uma **ovelha** perdida foram apresentadas em duas ocasiões distintas. Em Mateus a parábola foi dirigida a discípulos de Jesus (18:1), ao passo que em Lucas ela foi direcionada aos fariseus e aos escribas (Lucas 15:2, 3). Isto explica as pequenas diferenças nos detalhes das duas histórias.

A imagem do povo de Deus como ovelhas é comum tanto no Antigo como no Novo Testamento (veja os comentários sobre 9:36; 10:5, 6). O uso dos números **noventa e nove** e **um** em ilustração também era comum no judaísmo¹³. Segundo Keener, **cem** ovelhas era a média de tamanho de um rebanho; assim, o pastor conseguia facilmente cuidar delas¹⁴. Trabalhando com esse número de ovelhas, o pastor da parábola pôde dar falta de uma delas. Jesus disse que um bom pastor conhece as suas ovelhas intimamente, chamando-as pelo nome (João 10:1–18). Embora as noventa e nove que não se **extraviaram** tivessem a sua importância, aquela que se extraviou estava em grave perigo. Era, portanto, urgente que o pastor achasse a ovelha perdida. O uso da partícula de negação enfática *οὐχί* (*ouchi*) na frase **não deixará ele** demonstra que a pergunta prevê uma resposta positiva; obviamente, o pastor procuraria pela ovelha que se perdeu.

Versículo 13. Jesus continuou: **“E, se porventura a encontra... maior prazer sentirá por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram”**. “Se” admite que às vezes acontecia de não se achar uma ovelha perdida; ela podia ter se afastado demais ou podia ter sido mor-

¹³Mishná, *Peah* 4.2; Jerusalém, Talmude, *Shabbath* 14.3.

¹⁴Keener, p. 452.

ta por animais selvagens. Contudo, se a ovelha perdida fosse achada pelo pastor, haveria grande alegria. Na versão que Lucas faz dessa parábola, Jesus acrescentou: “Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo” (Lucas 15:5). O pastor cuidaria das necessidades da ovelha e a restauraria ao rebanho, depois festejaria com seus amigos e vizinhos por ter achado a ovelha (Lucas 15:6). Aplicando a parábola, Jesus disse que “haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (Lucas 15:7).

Versículo 14. A ideia principal da parábola era mostrar o desejo de Deus de que nem **um só destes pequeninos** pereça. Ele não quer que ninguém seja separado para sempre dEle (João 3:16; 2 Pedro 3:9; veja 2 Tessalonicenses 1:6–10). Ele enviou o Seu Filho, o Bom Pastor, ao mundo em busca dos perdidos. A parábola reforça a importância de cada pessoa e nos faz lembrar que o interesse de Jesus por cada pessoa é muito pessoal e individual¹⁵.

A SOLUÇÃO DE CONFLITOS: DISCIPLINA E COMUNHÃO (18:15–20)

¹⁵Se teu irmão pecar [contra ti], vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. ¹⁶Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. ¹⁷E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. ¹⁸Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus.

¹⁹Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus. ²⁰Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles.

Jesus ensinou muito sobre perdão, mas Ele nunca insinuou aos Seus seguidores que o pecado deva ser ignorado. A esta altura, Jesus destacou o procedimento correto ao lidarem com um irmão que pecou (18:15–17). Após esta instrução, Jesus

¹⁵Lewis, p. 57.

revelou aos Seus apóstolos os requisitos para se ligar e desligar pessoas (18:18–20).

Versículo 15. Este versículo começa com a oração condicional: **Se teu irmão pecar [contra ti]**. Alguns manuscritos antigos contêm o complemento preposicionado “contra ti”, que torna a oração mais específica e pessoal¹⁶. Embora as palavras “contra ti” não constem dos manuscritos Vitacano e Sinaítico, ela foi incluída em muitas das versões modernas. William Hendriksen acredita que, independentemente dessas palavras fazerem parte do original, a ordem para se ter uma entrevista particular com o irmão errante indica uma ofensa pessoal¹⁷. Além disso, a pergunta de Pedro no versículo 21 parece apoiar a ideia de que Jesus estava se referindo a um pecado pessoal contra outro cristão.

A palavra “irmão” (ἀδελφός, *adelphos*) indica um membro da família espiritual de Jesus (12:46–50; 25:40; 28:10), a igreja (16:18; 18:17). Neste contexto, é um termo genérico, que inclui homens e mulheres. Qualquer filho de Deus deve ser confrontado quando peca contra um irmão ou irmã em Cristo. A questão aqui não era apenas um mal entendido, uma fraqueza, um erro óbvio, uma questão insignificante ou uma diferença de opinião. Jesus estava falando de “pecado”; Mateus usou o vocábulo grego mais comum para “pecados” (ἁμαρτάνω, *hamartanō*).

Aquele contra quem foi cometido o pecado tem uma responsabilidade. Ele deve confrontar o ofensor com espírito de mansidão e humildade (Gálatas 6:1). Jesus disse: **“Vai argui-lo entre ti e ele só”**. “Argui-lo” (ἐλέγχω, *elenchō*) significa “trazer à luz”, “condenar” ou “reprovar”. Uma atitude comum é se pensar: “Não foi culpa minha! Ele que venha falar comigo”. Todavia, o Senhor disse: “Vá” (NVI)¹⁸. O irmão ofendido deve conversar com o ofensor, não com outros, sobre o pecado. A questão deve ser mantida, se possível, em particular.

Jesus disse: **“Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão”**. A parte ofendida precisa dispor-se a perdoar; de outra maneira, o irmão não será “ga-

¹⁶Metzger, p. 36.

¹⁷William Hendriksen, *New Testament Commentary: Exposition of the Gospel According to Matthew*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1973, pp. 697–98.

¹⁸Anteriormente em Mateus, a responsabilidade de iniciar a reconciliação é colocada no ofensor (veja os comentários sobre 5:23, 24).

no”. Acima de tudo, deve-se ir até o ofensor com a ideia de ganhar essa pessoa de volta, e não de vencer a discussão. A palavra grega para “ganhar” (κερδαίνω, *kerdainō*) é usada na referência a ganhar os perdidos (1 Coríntios 9:19–24), mas é igualmente importante ganhar de volta o irmão desobediente. Tiago escreveu: “Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade, e alguém o converter, sabeis que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados” (Tiago 5:19, 20; veja Judas 22, 23).

Versículo 16. Se não houver arrependimento após a primeira admoestação, Jesus disse que deve ser feita uma segunda visita: **“Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas”**. O(s) acompanhante(s) mais a parte ofendida possibilitam que a conversa ocorra na presença de **duas ou três testemunhas**. Um princípio estabelecido há muito tempo na solução de desentendimentos ou na averiguação de um fato era envolver outras pessoas (Números 35:30; Deuteronômio 17:6; 19:15; 2 Coríntios 13:1). Essa intervenção garante que mais de uma pessoa ouça a exposição e saiba o que aconteceu – para que **toda palavra se estabeleça**, ou “qualquer acusação seja confirmada” (NVI). Também serve a outro propósito: pode ser que a questão não seja como a pessoa ofendida a entendeu, caso em que uma terceira pessoa pode conseguir ajudá-la a entender o que realmente aconteceu e, assim, pôr um fim à questão.

Versículo 17. Após a segunda admoestação, se o pecador não se arrepender, o que começou como uma questão em particular deve ser exposto publicamente. Deve-se levar o assunto perante **a igreja**, ou seja, a congregação local (veja os comentários sobre 16:18). A situação é grave o suficiente para que o pecador perca a sua alma, se não se arrepender. Se isto acontecer, as orações e a admoestação de toda a igreja são direcionadas ao pecador para incentivá-lo ao arrependimento necessário. Novamente, a ideia é ganhar o irmão errante (18:15).

Se esta terceira admoestação falhar, o ofensor não-arrependido deve ser disciplinado pela **igreja**. Mesmo neste ato, em que o irmão rebelde é tirado da comunhão, o objetivo ainda é de arrependimento e salvação (1 Coríntios 5:5; 2 Tessalonicenses 3:14, 15; 1 Timóteo 1:20; Tito 3:10, 11). Jesus disse: **“Considera-o como gentio e publi-**

cano”. Os gentios e publicanos eram conhecidos por sua má conduta (veja os comentários sobre 5:46, 47). Em geral, os judeus não comiam com eles, não viajavam com eles nem levavam mercadorias de pagãos para dentro de seus lares. Nada faziam com eles. Embora Jesus não aderisse a essa hostilidade, Ele fez uso dela algumas vezes em Suas ilustrações (veja, por exemplo, 8:5–13; 9:9–13; 18:17)¹⁹.

O procedimento esboçado por Jesus em Mateus 18:15–17 é semelhante ao que era praticado no judaísmo. Na seita de Qumran, um membro ofendido era instruído a repreender seu companheiro no mesmo dia em que ocorreu a ofensa (veja Levítico 19:17). Ele deveria confrontar o ofensor acompanhado de testemunhas antes de levar o assunto perante assembleia pública²⁰.

Os membros de Qumran rebeldes eram expulsos da comunidade. No judaísmo da época de Jesus, as pessoas também podiam ser excomungadas da sinagoga (João 9:22; 12:42). Os líderes das sinagogas também usavam o açoitamento para disciplinar as pessoas (10:17)²¹ – uma prática que não tem espaço no cristianismo.

Versículo 18. A seguir, Jesus disse: **“...tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus”**. Quando Ele fez essa declaração, o Senhor estava se referindo aos apóstolos (veja 18:1) e também à igreja (veja 18:17). Essa mesma declaração foi feita a Pedro (veja os comentários sobre 16:19), para que ele não tivesse nenhuma preeminência especial sobre os outros apóstolos (veja João 20:23). A afirmação neste contexto certamente significa que, se um pecador foi tirado justamente da comunhão pela igreja na terra (veja 1 Coríntios 5:11, 12); a decisão da igreja reflete o que já foi decidido no tribunal celestial. Ao tirar um pecador não-arrependido da comunhão da igreja, os membros da igreja estão meramente ratificando o veredito que já foi feito no céu²². Convém observar que Josefo usou os termos “ligado” e “desligado” com respeito à comunhão e excomunhão, e não simplesmente para declarar o que

¹⁹R. T. France, *The Gospel According to Matthew*, The Tynedale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, p. 275.

²⁰*Regra da Comunidade* 5.24—6.1; *Documento de Damasco* 9.2–4.

²¹Mishná, *Makkoth* 3.1, 2.

²²Keener, p. 454.

era obrigatório e o que não era²³.

Versículo 19. Jesus então disse: “...se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus”. A palavra grega para “concordarem” (συμφωνέω, *sumfōneō*) deu origem à palavra portuguesa “sinfonia”. Neste caso, os “dois” (o que remonta à declaração feita no versículo 16) estão em harmonia um com o outro. Se dois discípulos fiéis concordam que um pecador arrependeu-se ou não se arrependeu, podem ter certeza de que sua decisão será confirmada por Deus. Essa declaração não pode ser usada para se ensinar que qualquer coisa com a qual dois cristãos concordem será aprovada por Deus. Tal promessa implicaria que Deus está subordinado aos caprichos de pessoas volúveis. O sentido é que, no contexto daquilo que é certo e de acordo com a vontade de Deus, o que dois discípulos pedirem será feito (veja 1 João 5:14, 15).

Versículo 20. Este versículo geralmente é usado na situação de uma reunião de dois ou três cristãos para adorar a Deus. A assembleia com certeza está incluída na aplicação. Todavia, deve-se entender o versículo dentro de seu respectivo contexto. Dois ou três não **estavam reunidos** aqui para adorar, e sim para averiguar o arrependimento de um irmão ofensor. Jesus prometeu estar presente e apoiar tais ocasiões: “**Ali estou no meio deles**”.

Esta afirmação é semelhante ao que os rabinos ensinavam. Eles diziam que quando dois ou três homens sentam-se para julgar, o Shekiná (presença divina) está no meio deles²⁴. Jesus é realmente “Deus conosco” (1:23) e, em termos mais gerais, Ele prometeu estar presente com a Sua igreja até a consumação dos séculos (28:20).

A PARÁBOLA DO SERVO INCOMPASSIVO: PERDÃO (18:21–35)

²¹Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: **Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?**
²²Respondeu-lhe Jesus: **Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.**

²³Por isso, o reino dos céus é semelhante a

um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos. ²⁴E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. ²⁵Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga. ²⁶Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: **Sê paciente comigo, e tudo te pagarei.** ²⁷E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida. ²⁸Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: **Paga-me o que me debes.** ²⁹Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: **Sê paciente comigo, e te pagarei.** ³⁰Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida. ³¹Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera. ³²Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: **Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste;** ³³não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? ³⁴E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. ³⁵Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão.

O ensino de Jesus agora tem a ver com perdão. O que Ele disse sobre corrigir um irmão que pecou motivou Pedro a perguntar sobre perdoar um irmão por uma transgressão pessoal (18:21). O Senhor respondeu a pergunta de Pedro (18:22) e depois ilustrou o princípio de perdão com a parábola do servo incompassivo (18:23–35).

Versículo 21. Mais uma vez, Mateus contém uma cena em que Pedro tem proeminência (14:28–32; 15:15, 16:16–19, 22, 23; 17:4, 24–27). Nesta ocasião, o apóstolo perguntou: “**Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe?**” A palavra grega para “perdoar” (ἀφίημι, *afiēmi*) significa literalmente “deixar ir” ou “enviar”. Neste momento de ensino, a palavra foi usada para o cancelamento de dívida moral. Pedro pensou estar sendo extremamente misericordioso ao sugerir que deveriam perdoar sete vezes. Afinal, os rabinos judeus ensinavam que perdoar alguém três vezes era suficiente. O rabino José filho de Judá dizia: “Se um homem cometer uma transgressão, na primeira, na se-

²³Flávio Josefo, *Guerras* 1.5.2.

²⁴Talmude, *Berakoth* 6a; veja Mishná, *Aboth* 3.2, 3.

gunda e na terceira vez ele é perdoado, na quarta vez não é perdoado”²⁵.

Versículo 22. Em vez do louvor que Pedro poderia ter esperado receber, ele recebeu uma branda repreensão do Senhor: **“Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete”**. A expressão grega ἑβδομηκοντάκις ἑπτὰ (*hebdomekontakis hepta*) é traduzida por “setenta vezes sete” na maioria das versões. A mesma expressão grega aparece em Gênesis 4:24, na Septuaginta. A RA traduz assim esse versículo: “Sete vezes se tomará vingança de Caim, de Lameque, porém, setenta vezes sete”. Embora a declaração de Lameque seja uma fórmula para vingança, a declaração de Jesus é uma fórmula para perdão.

Jesus certamente pretendia dizer que Seus discípulos deveriam perdoar um irmão incontáveis vezes. “Sete” é o número da perfeição ou da completude na literatura hebraica. “Sete”, ou qualquer múltiplo dele, refere-se a uma quantidade completa. Portanto, Jesus não estava dizendo “perdoe setenta vezes sete e nada mais”; e sim: “quantas vezes for necessário” (Lucas 17:3, 4).

Versículo 23. Depois de estabelecer o princípio do perdão ilimitado, Jesus apresentou a parábola do escravo incapaz de perdoar (18:23–34). A parábola começa com **um rei** que chamou **seus servos** para **ajustar contas** com eles.

Versículo 24. Assim que o rei deu início a essa tarefa, trouxeram-lhe um servo **que lhe devia dez mil talentos**. Um “talento” (τάλαντον, *talanton*) era a maior unidade de peso, sendo equivalente a 34,272 kg. Calcula-se com base em Êxodo 38:25 e 26 que um talento equivalia a três mil siclos. Mateus não disse se a dívida da parábola era em ouro, prata ou cobre. Todavia, a grande soma de dinheiro – talvez “bilhões de dólares”²⁶ – demonstra a condição desesperadora do servo. O montante que ele devia era muito maior do que o tributo anual de novecentos talentos recolhido por Arquelau (na Judeia, Idumeia e Samaria), Antipas (na Galileia e Pereia) e Filipe II (em Traconites, Itureia, Gaulanito, Bataneia e Auranites)²⁷.

Versículo 25. A palavra grega para “pagar” (ἀποδίδωμι, *apodidōmai*), também vertida para

“devolver”, é repetida várias vezes em toda a parábola (18:25, 26, 28, 29, 30, 34). Adolf Deissmann disse que “eu pagarei” é uma fórmula estereotipada frequentemente encontrada nas anotações de devedores escritas à mão no mundo antigo²⁸. Visto que o servo jamais teria o dinheiro para pagar a dívida que contraíra, seu senhor ordenou que **fossem vendidos ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía** (veja Êxodo 22:3; 2 Reis 4:1; Neemias 5:4, 5)²⁹. Ao fazer isto, o senhor recuperaria pelo menos uma pequena fração da dívida.

Versículo 26. Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou. A postura era de humildade e arrependimento. Ele implorou ao rei que fosse **paciente** com ele e lhe desse tempo para **pagar** a dívida. Essa promessa contém uma grande dose de ironia, pois seria impossível ele pagar todo aquele montante.

Versículo 27. Diante dos clamores desesperados do homem, o rei compadeceu-se. Em Mateus, o próprio Jesus é muitas vezes descrito como agindo por compaixão pelas pessoas (9:36; 14:14; 15:32; 20:34). O rei **mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida**. Esse foi puramente um ato de bondade. Podemos imaginar como aquele homem sentiu-se aliviado!

Versículo 28. Não muito depois de sair da casa de seu senhor, o servo perdoado **encontrou** outro servo **que lhe devia cem denários**. Um denário era uma moeda de prata romana equivalente à diária paga a um trabalhador braçal (20:2). Portanto, cem denários eram o salário de cem dias de trabalho (cerca de quatro meses). O salário de quarenta dias de trabalho era uma considerável soma; mas em comparação com o que o servo devia ao rei, era insignificante³⁰.

O primeiro homem ficou tão furioso que agarrou o conservo e começou a sufocá-lo, exigindo o pagamento. Era como se ele estivesse tentando espremer o dinheiro do outro, mas obviamente o conservo não o tinha³¹.

Versículo 29. Assim como o primeiro devedor fizera diante do rei (18:26), este segundo **lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei**. Neste

²⁸Adolf Deissmann, *Light from the Ancient East*, rev. ed., trans. Lionel R. M. Strachan. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1978, p. 331.

²⁹Tito Lívio 26.34.3.

³⁰Morris, p. 475.

³¹Semelhantemente, o Mishná vislumbra alguém agarrando um devedor pelo pescoço na praça comercial. (Mishná, *Baba Bathra* 10.8.)

²⁵Talmude, *Yoma* 86b.

²⁶Donald A. Hagner, *Matthew 14—28*, Word Biblical Commentary, vol. 33B. Dallas: Word Books, 1995, p. 538.

²⁷Flávio Josefo, *Antiguidades* 17.11.4. Josefo mencionou impostos a agricultores de oito mil talentos na Palestina num período anterior. (Veja também 12.4.4.)

caso, o pagamento da dívida era muito mais exequível.

Versículo 30. O primeiro homem agiu sem misericórdia pelo conservo e **o lançou na prisão** (veja 5:25) até que pagasse toda a dívida. Em casos como esse, o prisioneiro era submetido a trabalho forçado. Essas circunstâncias terríveis na verdade tornavam o pagamento da dívida mais difícil.

Versículo 31. Quando alguns dos demais servos testemunharam o que o homem mau fizera, **entristeceram-se muito** diante da injustiça. Então, **foram relatar** tudo ao seu senhor, o rei.

Versículo 32. O rei chamou o primeiro homem de **servo malvado** e lembrou-lhe da enorme **dívida** que ele perdoou porque ele lhe **suplicou**.

Versículo 33. O servo que experimentou a misericórdia do rei deveria ter usado de misericórdia para com seu conservo. Da mesma forma, aqueles que experimentaram o amor e a graça de Deus devem refletir esses atributos no trato com seus irmãos. João escreveu: “Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (1 João 4:11).

Versículo 34. **Indignando-se** o rei diante da atitude do servo malvado, **o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida**. A compaixão do rei (18:27) transformou-se em ira porque o servo perdoado não imitou o perdão que ele mesmo recebeu. Embora Deus seja longânimo (18:26), Sua paciência não durará para sempre (22:7).

Sugerem alguns estudiosos que “verdugos” ou “torturadores” (NVI) interrogariam o servo mau para que este revelasse alguma fonte omitida de dinheiro que ele pudesse ter³². Exigia-se dos devedores trabalho árduo na prisão até que toda a dívida fosse saldada. Aquele homem jamais conseguiria pagar sua dívida e sofreria pelo resto da vida.

Versículo 35. Jesus concluiu aplicando a parábola: **“Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão”**. Na parábola, o rei representa Deus Pai. O servo incompassivo simboliza os discípulos de Jesus que experimentaram o perdão de Deus, mas que se recusaram a perdoar outros crentes que pecaram contra eles. A grande dívida contraída pelo primeiro servo aponta para a multidão de pecados que Deus perdoou a cada cristão, enquanto que a dívida pequena contraída pelo segundo

³²Lewis, p. 62.

servo refere-se aos poucos pecados cometidos contra um crente por seus irmãos. A indisposição para perdoar os pecados de nossos irmãos resulta na indisposição de Deus para perdoar os nossos pecados (6:15; Efésios 4:32; Tiago 2:13).

LIÇÕES

GRANDEZA NO REINO (18:1-4)

Jesus ensinou que o caminho até a grandeza só é acessado através dos portões da humildade e do serviço. Os cristãos precisam rejeitar constantemente a mentalidade humana de orgulho e dominação (20:25; 1 Pedro 5:3; 3 João 9 e 10). Grandeza nada tem a ver com galgar a escada do sucesso, pisar em qualquer um que se coloque no meio do caminho. A grandeza é um derivado do serviço humilde – sendo uma benção para as vidas dos outros (20:26-28; João 13:1-17).

David Stewart

CUIDANDO DAS OVELHAS DO SENHOR (18:10-35)

Quando Jesus ensinou Seus discípulos, Ele deu a eles importantes lições que devem ser aplicadas por Seus seguidores hoje (18:10-35).

Os cristãos devem se esforçar para prestar atenção aos pequeninos (18:10-14). Não devemos ver os outros como inferiores. Deus os ama, anjos cuidam deles (18:10; veja Hebreus 1:14) e Jesus veio para salvá-los (18:11). Todos são importantes para Deus (18:12-14).

Os cristãos devem se esforçar para disciplinar os que pecam e não se arrependem (18:15-20). A igreja tem a responsabilidade de manter-se pura, como instruiu Paulo a igreja em Corinto (1 Coríntios 5:4-11). Se for permitido que o pecado seja praticado livremente na igreja, a causa de Cristo será prejudicada. A disciplina visa trazer o pecador de volta até Deus.

Os cristãos precisam se esforçar para perdoar (18:21-35). Analisemos com cuidado a pergunta de Pedro, a resposta do Senhor e a parábola do perdão.

ANJOS DA GUARDA (18:10)

Em Mateus 18:10, Jesus disse: “não desprezeis a qualquer destes pequeninos”, pois “os seus anjos nos céus veem incessantemente a face de meu

Pai celeste”. A expressão “os seus anjos” tem sido interpretada por alguns como uma referência a “anjos da guarda”. A Bíblia não usa este termo, mas outras vagas passagens deixam a impressão de que eles existem (Genesis 48:16; Salmos 34:7; 91:11, 12; Daniel 4:13; 10:13, 21; 12:1; Atos 12:13–15). E há numerosas fontes extrabíblicas que apoiam essa ideia³³.

A grande porção de credices modernas sobre esses anjos especiais foi gerada na mente do homem e não procede da Palavra de Deus. Alguns acreditam que cada alma é confiada a um anjo da guarda pouco antes ou no momento do nascimento. Outros acreditam que só os cristãos possuem essa proteção e que ela permanece enquanto a pessoa permanecer fiel a Deus. Uma das teorias presume que o propósito de um anjo da guarda é proteger a pessoa de danos e perigo. Outra teoria consiste em que os anjos da guarda desempenham um papel semelhante ao da consciência. A maioria de nós já viu retratos de pessoas com um anjo bom sobre um de seus ombros e um anjo mau sobre o outro, tentando persuadi-las em direções opostas³⁴.

Se todos os cristãos de fato têm um anjo da guarda que lhes protege, de quem é a culpa quando coisas desagradáveis nos acontecem? Será o anjo da guarda que falhou? Será que o cristão recebeu um anjo com defeito ou negligente? A ideia de um anjo da guarda pessoal pode trazer consolo para alguns crentes, mas faltam provas disso nas Escrituras. A Bíblia nos ensina que há anjos operando hoje, mas não necessariamente como anjos da guarda individuais. Eles operam como agentes da providência divina (Hebreus 1:14). Não devemos nos preocupar com anjos e adorá-los (Colossenses 2:18; Apocalipse 22:8, 9), pois eles também são seres criados (Salmos 148:1–6). Nosso foco deve ser Cristo (Hebreus 1:5, 6).

A SOLUÇÃO DE CONFLITOS (18:15–20)

Apesar de haver um princípio aqui para o tratamento com cristãos que ofenderam outros e não se arrependem, este texto geralmente recebe interpretações muito mais amplas, as quais na verdade não cabem aqui. Esta passagem especi-

ficamente tem a ver com ofensas pessoais, particulares, cometidas por um cristão contra outro. Neste caso, quando o ofensor não se arrepende em reuniões privadas, a questão deve se tornar pública para toda a igreja. Isto é feito com a esperança de que tal ato leve o ofensor ao arrependimento.

O PERDÃO DE DEUS *VERSUS* O NOSSO PERDÃO (18:21–35)

Mateus 18:21–35 é um dos lugares onde Jesus ensinou sobre a bênção do perdão. Ele explicou como lidar com discórdias entre irmãos e depois ensinou sobre perdão numa parábola.

A disposição de Deus para perdoar. Nesta parábola o primeiro servo possuía uma dívida impagável. Seu senhor, que representa Deus, perdoou-lhe toda a dívida. Jesus estava contrastando o perdão de Deus com o nosso. O homem perdoado recusou-se a perdoar outro servo, que lhe devia uma soma insignificante, comparada com a própria dívida dele. Quando reportaram ao senhor como ele tratou o seu conservo, ele foi chamado para prestar contas e mandado para ser torturado na prisão dos devedores (18:34).

A disposição de Deus para perdoar todos os pecados. Todos os cristãos são pecadores perdoados por Deus. A mensagem da cruz é sobre a enorme dívida de pecado que temos com Deus, mas que nunca pagamos. Através da morte de Seu Filho, Deus pagou toda a dívida dos nossos pecados.

A disposição de Deus para perdoar completamente. Várias passagens bíblicas nos ajudam a entender o perdão completo e divino (Salmos 103:12; 130:7; Romanos 4:7, 8; Hebreus 8:12; 10:17). Deus não esquece – nem pode esquecer – literalmente, mas Ele voluntariamente liberta o pecador arrependido do justo castigo pelo pecado.

A disposição de Deus para perdoar assim como perdoamos os outros. O perdão de Deus para conosco depende de nós perdoarmos os outros (5:7; 6:14, 15; 18:21, 22; Lucas 17:3, 4). Paulo disse que devemos perdoar porque fomos perdoados (Efésios 4:32). O perdão é um presente de Deus que passamos adiante a outros.

Precisamos parar de pensar que só perdoamos alguém quando nos “esquecemos” completamente do que o indivíduo nos fez de errado. Perdoar significa cancelar uma dívida. Ao liberar alguém de uma ofensa, nos recusamos a castigar ou tentar nos vingar (Romanos 12:17, 21). Se pensamentos

³³Tobias 5:21, 22; 12:11–22; 1 Enoque 100.5; Jubileu 35.17; Testamento de Levi 5.6; Testamento de Jacó 2.5, 6; Pseudo-Filo 11.12; 15:5; 59:4; Gênesis Rabá 44.3; 60.15; Cântico Rabá 3.6.3.

³⁴Veja Orígenes, *Homilias sobre Lucas* 12.

vingativos minarem nossas mentes, como geralmente acontece, podemos expulsá-los de nossa consciência. A bênção do perdão é que paramos de procurar vingança quando nos lembramos da ofensa que sofremos.

Na cruz Jesus orou: “Pai, perdoa-lhes...” (Lucas 23:34). Essa oração foi respondida no dia de Pentecostes, quando – depois de ouvirem a mensagem do evangelho – muitos se arrependeram e foram batizados para o perdão de seus pecados (Atos 2:23, 36–41).

Você foi perdoado? Você perdoa?

“PERDOA-ME” (18:21–35)

Algumas das maiores lições que nosso Senhor ensinou estão no capítulo 18. Ele falou sobre o perdão – o que ele é o que ele faz.

O perdão é um ato redentor essencial à nossa saúde mental, emocional e espiritual. A falta de perdão é um pecado predominante entre muitos cristãos. Não basta dizer: “Eu te perdoou”; nem tratar cordialmente quem cometeu o erro conosco. O perdão genuíno significa transformar a dor em reconciliação. Não fazer isso deixa uma ferida aberta que não cura.

O perdão é o testemunho mais poderoso da graça de Deus. Quando perdoamos outros, isso diz ao mundo que Deus ainda está vivo e ativo. Ele é um antídoto poderoso para os nossos sentimentos e ressentimentos com as injustiças que sofremos. Cultivar rancor é um problema espiritual sério para algumas pessoas. Isso enfraquece a decisão de compartilhar o evangelho com outros. Impede um ministério eficaz. Temos que perdoar

os outros em vez de expulsá-los de nossas vidas.

O perdão é uma experiência necessária para a cura e a integridade de nossas próprias vidas. Perdoar não é apenas uma resignação passiva. Não há cura na atitude que diz: “Não há nada que eu possa fazer”. O perdão nos permite sair da fraqueza para a força, da inadequação para a autoconfiança.

O perdão é uma força criativa que ilumina um mundo que de outra forma estaria escurecido. Tem alguém que você precisa perdoar? Ponha de lado o orgulho e o sofrimento e faça a coisa certa.

Você já aceitou o perdão de Deus?

PERDÃO COMPLETO (18:23–35)

Esta parábola é sobre o perdão de Deus para conosco. Todos os cristãos são pecadores que foram perdoados e salvos pela misericórdia e graça de Deus. Às vezes dizemos: “Quando Deus perdoa, Ele esquece” (veja Hebreus 8:12; 10:17). Deus não pode realmente esquecer o pecado. Afinal, Ele é onisciente; Ele sabe todas as coisas. O significado disso é que Ele voluntariamente nos libera das acusações legítimas que Ele tem contra nós por causa dos nossos pecados. Deus jamais cobra a dívida que devemos por esses pecados. Ele nos libera do castigo da morte que merecemos.

A mensagem da cruz é sobre a enorme dívida que temos com Deus – uma dívida que jamais poderemos saldar. Deus transformou um instrumento de tortura, a cruz, numa via de bênção. Quando Deus perdoa, Ele perdoa completamente. Os cristãos são chamados para imitar a Deus, mostrando o perdão de Deus aos outros.

Autor: Sellers Crain

© Copyright 2013 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS